



Caracterização Morfológica Foliar de *Oenocarpus* Mart. (Arecaceae) Oriundo da Comunidade Quilombola de Baixinha, Município de Baião, PA, Brasil

Rolf Junior Ferreira Silva¹
Silvane Tavares Rodrigues²
Raimunda Conceição de Vilhena Potiguara³

A Amazônia abriga inúmeros grupos vegetais em que as palmeiras, segundo Kahn (1988), constituem um dos componentes mais característicos. Henderson et al. (1995) consideram que essa região abriga, aproximadamente, 50 % dos gêneros e 30 % das espécies de Arecaceae Neotropicais. Tamaña expressividade pode ser justificada pela plasticidade adaptativa dessas plantas a diversos tipos de *habitats*, permitindo-lhes conquistar desde florestas de terra firme a ambientes degradados, nos quais, geralmente, atuam como bioindicadoras, assumindo papel de suma importância nas redes tróficas de ecossistemas distintos (MIRANDA et al., 2001).

Além de se destacarem na ecologia dos ambientes, as palmeiras configuram entre as espécies mais úteis à economia de subsistência das comunidades ribeirinhas, com múltiplas utilidades conforme o *taxon* (BONDAR, 1964). Almeida e Silva (1997) estimam que cerca de 40 % da flora Arecaceae amazônica sejam utilizados de alguma forma pelas comunidades locais, principalmente para fins de alimentação, habitação, medicina popular, ornamentação e confecção de artesanatos.

Para Rizzini e Mors (1995), as palmeiras são consideradas como um grupo à parte e de magna importância econômica atual ou de potencial industrial. Kahn e De Granville (1992) assinalam que, das seis subfamílias definidas por Dransfield e Uhl (1986) para as Arecaceae, cinco possuem representantes na Amazônia: Coryphoideae, Calamoideae, Ceroxyloideae, Arecoideae e Phytelphantoideae. Destas, Arecoideae é a que apresenta o maior número de gêneros para a região (28 gêneros), sendo *Astrocaryum* G.F.W. Meyer, *Bactris* N.J. Jacquin ex Scopoli, *Geonoma* Willdenow e *Oenocarpus* Martius os mais diversificados, que juntos correspondem a mais de 50 % do total de espécies (SILVA; POTIGUARA, 2008). Dentre esses gêneros, encontra-se o *Oenocarpus*, cujas espécies, conhecidas por bacabeiras, mostram relevância socioeconômica às comunidades locais e indígenas que as utilizam para diversos fins, como na edificação e cobertura de moradias, na confecção de artesanatos, na alimentação e no paisagismo (BALICK, 1984; CORRÊA, 1984; MIRANDA et al., 2001). Silva e Potiguara (2008) citam que

¹ Farmacêutico-Biologista. Mestre, Pesquisador-bolsista do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA. rolfjr@hotmail.com.

² Bióloga, Mestre em Criptogramas, Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental. Belém, PA. silvane@cpatu.embrapa.br.

³ Farmacêutica-Bioquímica. Doutora, Pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA. raipoty@museu-goeldi.br

Oenocarpus, por ser um grupo pouco estudado do ponto de vista taxonômico e apresentar alto grau de hibridação intraespecífica, torna-se de difícil identificação.

A comunidade quilombola de Baixinha pertence ao Município de Baião, Nordeste Paraense, localizada às margens do Rio Tocantins, na divisa do lado norte de Baião e Mocajuba, possuindo uma área de 10.000 ha, na qual se encontra um bacabal nativo utilizado como principal fonte de renda da comunidade. Nos últimos 10 anos, as famílias formaram uma associação e captaram recursos para criação de gado, plantio de pimenta-do-reino e de algumas espécies frutíferas como a acerola, mas nenhuma dessas alternativas obteve o rendimento esperado. O ideal, então, é que a comunidade alcance a sustentabilidade por meio da comercialização de bacaba, sendo necessário *a priori* que a comunidade saiba distinguir as espécies de bacabeiras ocorrentes na área. Sendo assim, o presente trabalho objetivou, por meio de análises morfológicas foliares, a identificação das espécies de *Oenocarpus* ocorrentes na comunidade quilombola de Baixinha, situada no Município de Baião, PA, Brasil, visando à diferenciação dessas espécies pela população local.

As coletas foram realizadas em oito áreas distintas da comunidade quilombola de Baixinha. Em cada área, foram amostrados cinco espécimes férteis, analisando-se por espécime três folhas maduras retiradas da periferia da coroa. As mensurações foliares foram feitas com auxílio de trena e, no texto, estão representados os valores mínimo e máximo encontrados. Amostras do material botânico foram herborizadas e depositadas no Herbário IAN, pertencente à Embrapa Amazônia Oriental.

As descrições morfológicas foliares foram feitas com base na literatura especializada, como Henderson et al. (1995), Jones (1995) e Balick (1986), observando-se os seguintes caracteres: número e modo de inserção das folhas no estipe; comprimento da bainha foliar, pecíolo e ráquis; número de pinas por lado da folha; comprimento, largura, modo de disposição e inserção das pinas basais, medianas e apicais; presença/ausência de indumentos e lígula fibrosa; abertura/fechamento da porção proximal da bainha foliar. As abreviações compr. e larg. referem-se a comprimento e largura, respectivamente.

Dos exemplares estudados, os caracteres morfológicos foliares permitiram identificar duas espécies de *Oenocarpus* Mart.: *O. bacaba* Mart. e *O. distichus* Mart.

Oenocarpus bacaba Mart. possui coroa constituída por 10 a 12 folhas pinadas inseridas de forma espiralada (Figura 1A). Bainha 83 cm a 84 cm compr., parcialmente fechada na porção proximal (Figura 1C); ráquis 3,30 m a 4,30 m compr.; pecíolo 75 cm a 90 cm compr.; presença de lígula fibrosa 2 cm a 4 cm compr. (Figura 1E); 100 a 125 pinas à direita e 112 à esquerda. Pinas basais 96 cm a 1,30 m compr. e 4 cm a 5 cm larg., individuais, regularmente arranjadas e no mesmo plano (Figura 1G); pinas medianas 1,10 m a 1,25 m compr. e 4 cm a 6 cm larg., agrupadas irregularmente e em planos diferentes, raramente individuais (Figura 1I); pinas apicais 70 cm a 80 cm compr. e 4 cm a 5 cm larg., individuais, regularmente arranjadas e no mesmo plano (Figura 1K).

Oenocarpus distichus Mart. apresenta coroa constituída por 9 a 10 folhas pinadas inseridas de forma dística (Figura 1B). Bainha 1,0 m a 1,45 m compr., fibrosa e parcialmente fechada na porção proximal (Figura 1D); ráquis 4,65 m a 5,10 m compr.; pecíolo 18 cm a 58 cm compr.; presença de lígula fibrosa 15,50 cm a 30 cm compr. (Figura 1F); 124 pinas à direita e 112 à esquerda. Pinas basais 80 cm a 1,26 m compr. e 2,5 cm a 3,5 cm larg., individuais e agrupadas, irregularmente arranjadas e em planos diferentes (Figura 1H); pinas medianas 95 cm a 1,43 m compr. e 4,7 cm a 5 cm larg., agrupadas irregularmente e em planos diferentes (Figura 1J); pinas apicais 64 cm a 84 cm compr. e 2,5 cm a 4,0 cm larg., individuais e agrupadas, irregularmente arranjadas e no mesmo plano (Figura 1L).

Os caracteres morfológicos descritos acima se enquadraram perfeitamente nas descrições feitas pelas literaturas especializadas, identificando as espécies de *Oenocarpus* Mart. oriundas de Baião, PA, Brasil, como *O. bacaba* Mart. e *O. distichus* Mart.

Foto: Rolf Júnior Ferreira Silva



Figura 1. *Oenocarpus* Mart. (Arecaceae). A, C, E, G, I e K: *O. bacaba* Mart. B, D, F, H, J e L: *O. distichus* Mart. A e B: Hábito vegetativo, mostrando inserção foliar (detalhe em planta baixa). C e D: Bainha foliar, detalhando porção proximal parcialmente fechada. E e F: Lígula fibrosa (seta). G e H: Pinas basais. I e J: Pinas medianas. K e L: Pinas apicais. Barras: A e B = 4,5 m (fotografia) e 1,5 m (planta baixa); C e D = 25 cm; E = 2 cm; F = 8,5 cm; G a J = 5 cm; K e L = 4 cm.

Agradecimentos

Ao Instituto de Desenvolvimento, Educação Ambiental e Solidariedade (Ideas), pelo convite para a realização desta pesquisa. À comunidade quilombola de Baixinha, pela receptividade ao nos acolher. Ao parataxônomo Miguel Pastana do Nascimento, pelo auxílio durante as coletas.

Referências

ALMEIDA, S. S.; SILVA, P. J. D. As palmeiras: aspectos botânicos, ecológicos e econômicos. In: LISBOA, P. L. B. (Org.). **Caxiuanã**. Belém, PA: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1997. p. 235-251.

BALICK, M. Ethnobotany of palms in the neotropics. **Advances in Economic Botany**, v. 1, p. 9-23, 1984.

BALICK, M. Systematics and economic botany of the *Oenocarpus-Jessenia* (Palmae) complex. **Advances in Economic Botany**, v. 3, p. 1-140, 1986.

BONDAR, G. **Palmeiras do Brasil**. São Paulo: Instituto de Botânica, 1964.

CORRÊA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1984. v. 2.

DRANSFIELD, J.; UHL, N. W. An outline of the classification of palms. **Principes**, v. 30 n. 1, p. 3-11, 1986.

HENDERSON, A.; GALEANO, G.; BERNAL, R. **Field guide to the palms of the Americas**. New Jersey: Princeton University Press, 1995.

JONES, D. L. **Palms throughout the world**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1995.

KAHN, F. Species richness and density of palms in terra firme forest of Amazonia. **Biotropica**, v. 20, n. 4, p. 266-269, 1988.

KAHN, F.; DE GRANVILLE, J. J. **Palms in forest ecosystems of Amazonia**. New York: Springer-Verlag, 1992. 226 p. (Ecological studies, v. 95).

MIRANDA, I. P. de A.; RABELO, A.; BUENO, C. R.; BARBOSA, E. M.; RIBEIRO, M.N. **Frutos de palmeiras da Amazônia**. Manaus: MCT/ INPA, 2001.

RIZZINI, C. T.; MORS, W. B. **Botânica econômica brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1995.

SILVA, R. J. F.; POTIGUARA, R. C. de V. Aplicações taxonômicas da anatomia foliar de espécies amazônicas de *Oenocarpus* Mart. (Arecaceae). **Acta Botanica Brasilica**, v. 22, n. 4, p. 999-1014, 2008.

Comunicado Técnico, 220

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na: **Embrapa Amazônia Oriental**
Endereço: Tv. Dr. Enéas Pinheiro, s/n.
Caixa Postal 48. CEP 66 095-100, Belém, PA.
Fone: (91) 3204-1000
Fax: (91) 3276-9845
http://www.cpatu.embrapa.br
sac@cpatu.embrapa.br



1ª edição
Versão Eletrônica (2009)

CGPE 8268

Comitê Local de Editoração

Presidente: *Moacyr Bernardino Dias-Filho*
Secretário-Executivo: *Walkymário de Paulo Lemos*
Membros: *Adelina do Socorro Serrão Belém, Ana Carolina Martins de Queiroz, Célia Regina Tremacoldi, Luciane Chedid Melo Borges, Vanessa Fuzinatto Dall'Agnol*

Revisores técnicos

Beatriz Appezzato da Glória - Esalq
Márcia Duarte - UFPR
Rosilda Mara Mussury - Unigran

Expediente

Supervisão editorial e revisão de texto: *Luciane Chedid*
Normalização bibliográfica: *Adelina Belém*
Editoração eletrônica: *Euclides P. dos Santos Filho*